

AUTOR**Maria Ciavatta***maria.ciavatta@
gmail.com

* Professora Titular de Trabalho e Educação e do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF, Brasil)

A memória fotográfica preservada em jornais operários salvos da ditadura

La memoria fotográfica conservada en periódicos obreros en el periodo de la dictadura

A photographic memory preserved in saved labor press of the dictatorship

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal reconstruir alguns aspectos da história do trabalho e das lutas dos trabalhadores através da pesquisa e identificação de fotografias em jornais operários do Arquivo Social da Memória Operária Brasileira (ASMOB, 1900-1930), originalmente, Arquivo Astrojildo Pereira, nome de seu organizador, que foi um jornalista, literato e militante anarquista e comunista no início do século XX. De modo complementar, apresentamos, em linhas gerais, como o Arquivo foi resgatado da Ditadura Militar no Brasil, nos anos 1970. Tivemos por metodologia os jornais e a fotografia como fontes históricas e a história oral baseada nos depoimentos dos três principais protagonistas do resgate do Arquivo de São Paulo para o Rio de Janeiro e, daqui para Milão (Itália). No estudo da fotografia na imprensa operária da época, e no reconhecimento do percurso de resgate do Arquivo, assumimos a história como processo de vida e a história como método de pesquisa, no contexto de cada conjuntura social. São conclusões principais: a importância dos jornais operários para a memória e a história das condições de vida, de trabalho, de educação e de organização dos trabalhadores no início do século passado; a reiteração nos jornais, das poucas fotografias disponíveis nas redações; as ações de grande coragem e resistência ao autoritarismo da Ditadura no salvamento do Arquivo; a importância fundamental dessa documentação (jornais, cartas, panfletos, fotografias etc.) para a história do trabalho e da educação.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo principal reconstruir algunos aspectos de la historia del trabajo y de las luchas de los trabajadores a través de la investigación e identificación de fotografías en periódicos obreros del Arquivo Social da Memória Operária Brasileira (ASMOB, 1900-1930), originalmente, Arquivo Astrojildo Pereira, nombre de su organizador, periodista, literato y militante anarquista y comunista de principios del siglo XX. Igualmente, presentamos, en líneas generales, cómo se rescató el Archivo durante el período de la Dictadura Militar en Brasil, en los años 1970. Nuestra fuente histórica fue la prensa y la fotografía, así como la historia oral basada en las declaraciones de los tres principales protagonistas del rescate del Archivo desde São Paulo a Río de Janeiro y, desde ahí a Milán (Italia). En el estudio de la fotografía en la prensa obrera de la época, y en el reconocimiento del proceso de rescate del Archivo, asumimos la historia como proceso de vida y como método de investigación, en el contexto de cada coyuntura social. Las principales conclusiones son: la importancia de los periódicos obreros para la memoria y la historia de las condiciones de vida, de trabajo, de educación y de organización de los trabajadores a principios del siglo pasado; la reiteración en los periódicos, de las pocas fotografías disponibles en las redacciones; las acciones de gran valor y resistencia al autoritarismo de la Dictadura en la salvaguarda del Archivo; la importancia fundamental de esa documentación (periódicos, cartas, folletos, fotografías, etc.) para la historia del trabajo y de la educación.

ABSTRACT

This article aims to reconstruct some aspects of the work history and workers' struggles through research and photographs identification in Arquivo Social da Memória Operária Brasileira's work newspapers (ASMOB, acronym in Portuguese, 1900-1930), originally Astrojildo Pereira's Archive, name of its organizer, journalist, writer, anarchist and communist activist in the early twentieth century. Complementarily, is presented, in general, how this Archive was

rescued from the military dictatorship in Brazil, in the 1970s. We had a methodology: newspapers and photography as a historical source and oral history based on testimony of the three main protagonists of the Archive's rescue from São Paulo to Rio de Janeiro and from here to Milan (Italy). In the study of the working press photography at that time, and the recognition of the Archive rescuer route, we assume history as a process of life and history as a research method in the context of every social situation. Main conclusions are: the importance of the workers newspaper to the memory and history of living conditions, work, education and organization of workers at the beginning of the last century; the reiteration in the newspapers, the few photos in newspapers offices; the great courage of action and resistance to authoritarianism of Dictatorship in rescuing the Archive; the fundamental importance of this documentation (newspapers, letters, pamphlets, photographs, etc.) for the work history and education.

1. Introdução¹

Este artigo é produto de uma pesquisa sobre como se escreve a história da Educação profissional, sobre o uso da fotografia na pesquisa social e a análise de fotografias da imprensa operária do início do século XX. Foram jornais preservados por um jornalista, militante das lutas dos trabalhadores. São fontes históricas singulares na história dos trabalhadores. Os jornais e outros documentos constituíram um arquivo valioso, salvo do sistema repressivo da Ditadura dos anos sessenta e setenta no Brasil.

O uso da imagem fotográfica é um dos desafios mais inquietantes para a pesquisa histórica. Como fonte documental, como forma de conhecimento do mundo, guardiã da memória e elo de coesão de identidades, como representação da realidade, como elemento fundamental das artes visuais ou como produção cultural advinda do trabalho humano, a imagem participa de um universo sedutor e ambíguo de onde podem ser despreendidos múltiplos significados.

A pesquisa histórica implica a memória dos sujeitos sociais, memória carregada da subjetividade, das ideias, dos interesses, dos medos, das aspirações de quem relata um fato ou acontecimento. O uso da fotografia na área da pesquisa do trabalho e da educação, marcada pelos estudos baseados na crítica à economia política, contribui para o alargamento da visão sobre o que denominamos o mundo do trabalho. No contexto da pesquisa, entendemos ser o trabalho livre e os trabalhadores urbanos, a formação profissional, o ambiente e as relações de trabalho, as condições de vida, a identidade de classe dos trabalhadores, suas lutas de emancipação.

As imagens de que dispomos neste texto constituem a memória legada por militantes que, através da incipiente imprensa operária, registravam e divulgavam ações, ideias, movimentos de interesse dos operários, no período aproximado de 1900 a 1930. Constituem visões diferenciadas do uso da fotografia no início do fotojornalismo em que a imprensa sai da redação, onde recebia as notícias, para os locais dos acontecimentos, para a porta das fábricas.

Qual o lugar da memória e do saber histórico sobre a vida social? Atua a favor da ordem estabelecida ou contra ela? É um produto hierarquizado que desce dos especialistas, dos historiadores para os de baixo através da escola e dos meios de comunicação? (Chesnaux, 2000: 7). Qual o lugar social que ocupa a memória fotográfica do trabalho e dos trabalhadores? Em que sentido ela educa? Estas são questões subjacentes aos objetivos da pesquisa.

Tivemos como objetivo principal reconstruir alguns aspectos da história do trabalho e das lutas dos trabalhadores através da pesquisa e identificação de fotografias em jornais operários do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro (ASMOB), no período aproximado entre 1900 e 1930. Originalmente, trata-se do Arquivo Astrojildo Pereira, nome de seu organizador, jornalista, literato e militante anarquista e um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1922. De modo complementar, apresentamos, em linhas gerais, como o Arquivo foi resgatado da Ditadura Militar no Brasil, nos anos 1970, através de ações silenciosas e corajosas, desenvolvidas na clandestinidade, devido ao regime repressivo da época, por jovens militantes do PCB, Marly Vianna, Zuleide Faria de Melo e Dora Henrique da Costa.

2. Fundamentos teórico-metodológicos

O trabalho se desenvolveu em diferentes temporalidades. Na língua portuguesa, a temporalidade é a qualidade do temporal, do provisório. Do ponto de vista social, é o movimento no espaço-

PALAVRAS-CHAVE

Educação;
memória;
história; trabalho;
imprensa

PALABRAS CLAVE

Educación;
memoria; historia;
trabajo; prensa

KEYWORDS

Education; memory;
history; work; press

Recibido:
28.06.2016

Aceptado:
19.09.2016

tempo em que se pode conhecer a particularidade histórica dos acontecimentos ao longo de determinados períodos de tempo.

Esta análise inicial se completa com a concepção dos tempos múltiplos de Braudel (1982): o longo tempo da geo-história que, no mundo ocidental contemporâneo, é o tempo secular do capitalismo; o tempo médio das conjunturas, que se aplica às temporalidades do desenvolvimento das diversas fases desta pesquisa; e o breve tempo dos acontecimentos. Estes ocorrem simultaneamente nos três espaço-tempos, participando das particularidades do movimento da história, das transformações da sociedade sob a atuação de seus sujeitos sociais.

Na longa duração do capitalismo que se desenvolveu e se globalizou pelo planeta, situamos um primeiro momento da pesquisa sobre trabalho e educação, realizada no Brasil, México e Itália. Pesquisando a formação de trabalhadores na Itália, nos anos de 1995 e 1996, uma conjuntura de expansão do neoliberalismo, na *Central Generale Italiana del Lavoro* (CGIL), em Bologna, tomamos conhecimento do acervo de jornais operários brasileiros do início do século XX, que estariam guardados na *Fondazione Giangiacomo Feltrinelli*, em Milão. Mas, indo lá, soubemos que, em 1994, depois do fim da Ditadura civil-militar, o acervo tinha sido devolvido ao Brasil, ficando sob a guarda do Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP)².

De volta ao Brasil, desenvolvendo outro projeto sobre o mundo do trabalho e a fotografia como fonte histórica, do final dos anos 1990 ao início dos anos 2000, pesquisamos fotografias do trabalho e dos trabalhadores, no início do século XX, em arquivos públicos e privados, das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, e tivemos a oportunidade de conhecer de perto o acervo de documentos do ASMOB. Foi então que travamos contato com a coleção de jornais da imprensa operária dos anos 1900 a 1930, objeto de estudo deste trabalho.

O terceiro momento desta sequência de pesquisas sobre trabalho, educação e fotografia ocorreu durante os anos de 2001 e 2015, ao tomar conhecimento da trajetória surpreendente do Arquivo Astrojildo Pereira. Com a Ditadura, foi

guardado clandestinamente no Brasil, nos anos 1970; foi levado daqui para a Itália, nas mesmas condições de absoluto sigilo, onde foi organizado como ASMOB, para voltar ao Brasil entre 1991 e 1992, para o CEDEM. Entre 2000 e 2013, tivemos a oportunidade de conhecer, promover e gravar sessões públicas dos relatos-depoimentos das três protagonistas principais do salvamento do Arquivo.

2.1. Os jornais operários e o acervo do ASMOB

Os primeiros documentos que encontramos, sistematizando o conteúdo do ASMOB, são os catálogos *Microfilm Catalogue 82* e *Microfilm Catalogue 83* (Historical, 1982; 1983). O primeiro deles, de onde extraímos algumas fotografias para análise, contém 90 periódicos, brasileiros, a maioria do Rio de Janeiro e de São Paulo. São pequenos jornais operários, produzidos em um ou mais números, por trabalhadores militantes anarquistas, anarco-sindicalistas, socialistas e comunistas. Muitos eram publicações clandestinas, com erros de ortografia, impressão gráfica muito modesta, de diferentes tamanhos, de publicação descontínua, considerando os números disponíveis no acervo. Mas, neles se revelam a dedicação, sacrifícios pessoais, a defesa de ideais de milhares de homens e mulheres lutando por melhores condições de vida e de trabalho na época, sem regulamentação das relações de trabalho (jornada extensiva de dez, doze ou quatorze horas, trabalho feminino e trabalho infantil exaustivos, ausência de descanso remunerado, sem férias etc.).

Na pesquisa, nos ocupamos dos jornais dos anos 1900 a 1927, buscando identificar o uso de fotografias pela imprensa operária no período. Mas, o segundo catálogo registra também publicações de 1930 até o início dos anos 1960 e, pouco tempo depois, de 1964 até 1970, basicamente, publicações socialistas e comunistas, algumas publicadas no exterior (Portugal e França)³.

2.2 Os jornais e as fotografias como fontes de pesquisa

A utilização de jornais como fontes históricas tem sido objeto de discussão entre os cientistas sociais. Consideramos que elas devem ter o mesmo tratamento das demais fontes, no sentido da crítica dos documentos e do cruzamento de informações

com outras fontes documentais. Mas, é preciso ter em mente que a interpretação de fontes é, necessariamente, produto da objetividade dos objetos que nos servem de meios de informação e da subjetividade do pesquisador que as traduz, segundo seu entendimento, sua concepção de mundo e da sociedade onde vive, sua percepção dos fatos e a ideologia subjacente à sua interpretação.

Bertussi (2005) que tem um extenso e reconhecido trabalho de história do presente com jornais sobre a Educação, no México, assim se expressa:

a possibilidade de utilizar acervos *hemerográficos* como referências e fontes para sua construção ainda é controvertida entre muitos cientistas sociais e principalmente entre os historiadores, não só pelo já conhecido e frequente uso dado pelos positivistas, mas sobretudo, devido às possíveis incidências das mediações econômicas, políticas e ideológicas que comprometem a sua construção veraz, autêntica e as explicações nos discursos das mídias e que acabam por excluí-los da consulta na análise do tempo presente, cotidiano ou do que acontece no dia a dia (Bertussi, 2005: 2).

A autora considera que estes acervos podem ser utilizados, contanto que as informações sejam submetidas aos mesmos controles que requerem todos dados para sua utilização na produção do conhecimento nas Ciências Sociais. Consiste em considerá-las não como objetos dados e acabados; estes devem ser apenas registrados e descritos nas suas condições de possibilidade de emergência (Foucault, 1973; Bertussi, 2005). A confrontação das fontes deve propiciar o conhecimento dos sujeitos envolvidos, dos seus sentidos, propósitos e alcances nas suas múltiplas dimensões de espaço-tempo e da totalidade social à qual pertencem com suas contradições, conjunturas e rupturas (Bertussi: 2005).

Marialva Barbosa (2000: 5), em um extenso estudo com os cinco mais importantes jornais do Rio de Janeiro, no período de 1880 a 1920, põe em relevo “o poder real e simbólico” de seus proprietários pela difusão dos diários, distribuídos pela cidade e divulgados pelos jornaleiros. Em diálogo

com os leitores, eles construíram um “discurso normatizador e regulador” para a sociedade da época, realizando o que Gramsci chama de “Estado ampliado”. Através desses aparelhos privados de hegemonia, era íntima a relação dos jornais com o Estado, emitindo mensagens dos grupos dominantes, demolindo reputações, promovendo ideias e personagens políticos (2000: 115).

Quanto ao uso das fotografias nos jornais, como nos livros, tal como temos observado em nossos estudos, as fotografias têm sido utilizadas, frequentemente, como ilustração. No entanto, há uma tendência crescente a seu uso como fonte documental, apresentadas com um mínimo de referências verbais sobre sua origem e produção. Historicamente, na reprodução de fotos, os jornais se diferenciavam pelo poder de acesso às tecnologias em desenvolvimento. Um processo corrente era repetir as fotos como ilustração de temas destacados pelo jornal; mais tarde, passaram a cobrir eventos fora das redações, dando início ao fotojornalismo, como é estudado por José Pedro Sousa (2000: 24-27).

O autor registra dois aspectos que marcam o momento do nascimento da fotografia: o ambiente positivista do século XIX, a fotografia como prova da verdade e a aproximação da fotografia com o pictorialismo que visava sua integração às artes plásticas. Mas, os jornais e a fotografia seguem o rumo dos acontecimentos, moldam-se, seja pelo exótico e a curiosidade pelo diferente, seja pelo seu potencial documental científico e antropológico.

A fotografia, na forma tradicional de registro visual ou na imagem em movimento, primeiro como cinema e, hoje, na ampla gama dos meios de comunicação de massa (TV, *ipads*, celulares e seus inúmeros aplicativos – *facebook*, *instagram*, *whatsApp* e outros) coloca-nos em permanente estado de sintonia com os acontecimentos do mundo. Regina de Souza Gomes (2008) chama a atenção sobre a interpretação que acompanha a imagem, mascarando “a percepção de que, embora tomadas como fatos em si, as notícias não são mais do que relatos dos eventos, ou seja, uma interpretação de quem os relata, sob um certo ponto de vista, determinados por uma perspectiva social e política específica” (Gomes, 2008: 19).

Merece especial atenção o recente trabalho da jornalista Dorrit Harazim (2016) que selecionou mais de três dezenas de fotografia famosas, publicadas em periódicos e revistas dos Estados Unidos e da Europa. A autora realizou uma arqueologia de cada imagem, localizando-as no tempo e no espaço de sua produção, segundo o fotógrafo e as circunstâncias de tomada da imagem, sua apropriação privada e pública, seu papel nos acontecimentos que retratam, o contexto da época em que foram divulgadas, segundo as causas a que serviram.

Do ponto de vista da reprodução técnica, estamos longe da simplicidade das pioneiras iniciativas dos jornais dos trabalhadores e de suas esparsas fotografias no início do século XX, a exemplo das fotos reproduzidas no acervo do ASMOB, que são objeto deste estudo. Há registros de que, aproximadamente, a imprensa sindical tenha surgido há cerca de 130 anos, sob a bandeira do anarquismo, tendo se fortalecido com a fundação da Confederação Operária Brasileira (COB), em 1908 (Breve, 2005: 7). A fundação do PCB, em 1922, dá nova direção política ao movimento sindicalista, com repercussão na imprensa operária.

No prefácio ao livro de Maria Nazareth Ferreira (1978) sobre a imprensa operária, na passagem do século XIX ao século XX, Paulo Sérgio Pinheiro (1978) lembra que a imprensa operária não registra apenas as disputas político-ideológicas dos grupos e classes sociais de então:

Os jornais fornecem generosas informações sobre a sociedade da época, as condições de vida (ou de sobrevivência) das classes subalternas, suas manifestações culturais (Pinheiro, 1978: 12).

Os jornais são, assim, valiosas fontes para a história social.

Em todo esse período, era a mentalidade liberal que dominava: liberdade total para o mercado, mas ausência de legislação trabalhista e de direitos econômicos e sociais para os trabalhadores (Breve, 2005: 19).

Ferreira (1978: 14) se empenhou em dar a conhecer a gênese e o papel desempenhado pelas lideranças

anarquistas e a imprensa operária, particularmente, dos trabalhadores gráficos que, pela exigência da profissão, eram alfabetizados e tiveram papel fundamental no uso desse meio de comunicação na organização das massas trabalhadoras. Sem apelos à teoria sobre o uso histórico das fotografias, os jornais anarquistas e comunistas deixaram um registro contextualizado sobre os acontecimentos da época. Com textos e fotografias disputaram espaços de formação e de ação política junto aos trabalhadores, na luta contra o despotismo fabril do capital.

2.3 A fotografia como fonte histórica⁴

A reflexão sobre a natureza documental da fotografia implica também no seu tratamento enquanto monumento (Le Goff, 1992). O monumento é um sinal de passado. Caracteriza-se pela sua ligação ao poder de perpetuação das sociedades históricas e de seus protagonistas. É uma construção histórica destinada à perpetuação de alguma memória, do ponto de vista do grupo social que produziu e/ou apropriou-se das fotos, de outros documentos e de relatos orais (Pollak, 1989).

Se a história já não se interessa somente pelos grandes homens e acontecimentos políticos, mas por todos os homens, alterando a hierarquia dos documentos, a memória preservada e sua ligação com o poder permanecem dependentes de sua apropriação e da construção de uma determinada história. Faz-se necessário que o historiador analise as condições de produção do documento/monumento para compreender as relações de poder que estão subjacentes.

Todo o processo de produção da imagem, de sua apropriação, preservação e utilização, de sua observação e interpretação, é permeado por elementos ideológicos da concepção de realidade e da visão de mundo de cada um dos sujeitos envolvidos. A imagem é sempre parte do pensamento, da linguagem, da cultura e da história vivenciada e expressa por cada um deles, salva nos vestígios de algum tempo e lugar.

A aproximação com a realidade e seu reconhecimento tem gerado diferentes lógicas de construção do conhecimento. Historicamente, os pensadores dedicaram-se a tentar explicar o

que é a realidade, como o ser humano a acolhe e a incorpora em si, como o sujeito que conhece alcança o objeto que se dá a conhecer.

Tantas são as visões de mundo e de realidade, quantos são os caminhos delineados ou estabelecidos para se chegar à “verdade”, para desnudar o objeto na sua interioridade, na sua natureza, no seu desenvolvimento e nas suas relações. Em geral, na produção do conhecimento reconhecido como científico, se aceita que a explicitação do método e o rigor na sua aplicação conferem ao conhecimento obtido a qualidade de científico ou de verdadeiro. No entanto, o próprio alargamento das fronteiras da ciência e das novas formas do ser humano se relacionar com o mundo têm trazido à luz a complexidade do conhecimento dito verdadeiro e os múltiplos saberes de que é portadora a humanidade na sua história milenar e, em grande parte, desconhecida.

Quando falamos em aproximação da realidade através da reconstrução histórica, duas questões preliminares estão postas: primeiro, recusamos, nós também, todo dogmatismo e as concepções evolucionistas da história; segundo, recusamos toda visão cética e fragmentada do mundo e o relativismo como ponto de partida. Aos sistemas explicativos fechados ou funcionais, a uma visão fragmentada da realidade propomos a busca das articulações que explicam os nexos e significados do real e levam à construção de totalidades sociais, relativas a determinados objetos de estudo.

Neste sentido, a totalidade social construída não é uma racionalização ou modelo explicativo, mas um conjunto dinâmico de relações que passam, necessariamente, pela ação de sujeitos sociais⁵. Não sendo apenas uma concepção mental, o conceito de totalidade social tem um referente histórico, material, social, moral ou afetivo de acordo com as relações que constituem determinada totalidade.

No sentido marxiano, a totalidade é um conjunto de fatos articulados ou o contexto de um objeto com suas múltiplas relações ou, ainda, um todo estruturado que se desenvolve através das mediações, processos sociais complexos que sintetizam as múltiplas determinações de um objeto (Ciavatta, 2002). Consequentemente, as totalidades são tão heterogêneas e tão diversificadas quanto os

aspectos da realidade.

A compreensão do termo totalidade esbarra em várias distorções. Uma é sua aproximação semântica com totalitarismo, de esquerda ou de direita, evocado, justamente, como um cerceamento absoluto à dignidade humana. Outra dificuldade é a compreensão equivocada de que totalidade tem o sentido de tudo, o que inviabiliza um processo sério de conhecimento.

Esta compreensão é fundamental para o estudo da fotografia como fonte histórica, porque permite ir além da aparência sensível da fotografia como representação de fenômenos e objetos, e alcançar as relações que constituem a sua essência, os processos sociais subjacentes à aparência, a sua produção social. Implica conhecer como, quando e por quem a foto foi produzida, quem são os sujeitos sociais representados, quem preservou essa memória e como é utilizada no presente.

Denominamos esta lógica de construção do objeto científico lógica da reconstrução histórica. Ela pretende ser uma lógica sociocultural que supere a lógica economicista, a lógica pós-moderna e outras abordagens que buscam ignorar a história como produção econômica e cultural da existência humana. Nesta concepção, o objeto singular é visto a partir de sua gênese nos processos sociais mais amplos, o que significa compreender a história como processo; e reconstruí-lo a partir de uma determinada realidade que é sempre complexa, aberta às transformações sob a ação dos sujeitos sociais, o que significa utilizar a história como método.

Mas, compreender a história como processo não é apenas uma questão acadêmica ou científica, mas também política, como é a própria questão do conhecimento e da ciência. A história dos povos mostra que as diferentes concepções e os diferentes relatos que constituem sua história têm, implícita ou explicitamente, posições político-ideológicas de exaltação, de defesa ou de condenação a homens, ações e acontecimentos, atos esses que não estão confinados ao passado.

Para Vilar (1987), é Marx quem vai explicitar os elementos políticos e ideológicos da história, ao concebê-la como o processo da vida real dos

homens, de suas lutas sociais, e como a ciência desse processo, a história como processo vivido, a história como objeto e como método de conhecimento (Marx e Engels, 1979).

O conceito de totalidade, como o conjunto de mediações históricas que constituem o objeto fotográfico e todos os demais, na sua complexidade, permite entendê-los como concreto real e como concreto pensado, “síntese de múltiplas determinações” (Marx, 1977: 249). Neste sentido, as legendas de contexto, obtidas através de outras fontes documentais, atuam em um processo de intertextualidade (Essus, 1990) e permitem a compreensão da fotografia não apenas na sua aparência, como imagem, mas na essência, como objeto socialmente produzido.

Em textos e em imagens, imigrantes e brasileiros, anarquistas, socialistas e comunistas, criaram um campo permanente de lutas contra o patronato que mantinha em condições semiescravas o trabalho livre. A memória legada nos jornais que integram o ASMOB retrata as diversas formas de luta. A massa operária submetida a duras condições de trabalho e de sobrevivência denunciava as más condições de vida, de trabalho e a perseguição política. Organizava-se e difundia sua palavra por todo o país. Criaram-se dezenas de jornais nas principais cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, mas também em núcleos mais distantes, em outras regiões do país.

Na memória do trabalho no arquivo, os trabalhadores se reconhecem não apenas como classes subalternas, mas como sujeitos sociais conscientes de sua história e de sua organização, das raízes profundas do trabalho no tecido social, na construção da democracia e no seu potencial educativo.

2.4. Depoimentos, memória e história oral

Salvar do esquecimento é um exercício de memória. Mas, não é apenas a informação que conta. Ela se consitui em história oral na medida em que dá voz, dialoga e organiza o pensamento sobre acontecimentos importantes na vida dos indivíduos e das sociedades.

Os relatos não são apenas narrativas cronológicas

ou lineares, histórias objetivas ou versões subjetivas do passado. São descrições, são notícias, são informações e explicações que relacionam uma coisa a outra, um momento a outro, um pensar e um agir a outro. São discursos prenhes de elementos de ação que se projetam do passado para o presente e instauram formas de ser do passado no presente, em direção ao futuro.

Portelli (1993) trata das funções do tempo na história oral: “Contar uma história é aramar-se contra a ameaça do tempo, resistir ao tempo ou dominá-lo” (1993: 195). As histórias crescem com o tempo, ou se perdem, se deterioram. O relato construído “É sempre uma obra em processo no qual o narrador revê a imagem de seu próprio passado à medida que avança” (1993: 195). O autor destaca sua relevância como “desafio de movimentos políticos de indivíduos aos poderes dominantes na economia e na política” (2000: 68).

Neste trabalho, não escolhemos, de antemão, a história oral como técnica ou método para o relato dos acontecimentos. O conhecimento dos fatos chegou até nós no cotidiano da vida acadêmica. Diante da importância das ações para a memória e a história do trabalho e dos trabalhadores no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, após um longo período de contatos com cada uma das protagonistas, chegamos ao depoimento público, na forma de relato gravado, iniciado a partir de três breves questões⁶. Gravadas, transcritas, revistas pelas autoras, foram divulgadas e publicadas após um período aproximado de pesquisa de quatorze anos. As ações de Dora Henrique da Costa, Marly Vianna e Zuleide Faria de Melo, juntamente com outros companheiros, permitiram o salvamento do Arquivo Astrojildo Pereira que, com outros documentos similares, vieram a constituir o ASMOB. Suas principais protagonistas foram jovens mulheres, corajosamente dedicadas às causas do socialismo e, particularmente, do PCB. Com inteligência, dedicação e audácia, nos anos 1970, os chamados anos de chumbo da Ditadura civil-militar (1964 - 1985), empenharam-se na preservação das centenas de documentos que registram, como nenhum outro acervo no Brasil, as lutas dos operários nas três primeiras décadas do século XX.

Seus depoimentos foram dados e gravados em sessões públicas (2001, 2007 e 2013) na

Universidade Federal Fluminense (UFF). As breves perguntas tinham por objetivo deixar espaço para os relatos sobre a vivência dos acontecimentos, os sentimentos e as implicações das ações de resgate⁷. Suas palavras são parte da memória reprimida nesse período sombrio da história do Brasil.

Quando falamos em memória, entramos no terreno da história. Historiadores como Jorn Rusen (2009) fazem uma distinção entre as duas formas de narrar os acontecimentos, embora ambas tenham uma íntima e imperiosa relação com a questão do tempo: “A memória torna o passado significativo, o mantém vivo e o torna uma parte essencial da orientação cultural da vida presente” (2009: 164), enquanto a história é uma forma elaborada de memória que vai além dos limites da vida individual. O passado é rememorado em uma unidade de tempo que se abre para o futuro e permite aos sujeitos sociais uma interpretação das mudanças “para ajustar os movimentos temporais de suas próprias vidas” (2009: 164). No tratamento dos depoimentos em questão, tal como foram publicados, permanecemos no terreno da memória articulada ao seu momento histórico, sem pretender avançar no cruzamento exaustivo das fontes e na sua interpretação.

No Brasil, como em outros países, as elites sempre estiveram preocupadas em preservar seus feitos, suas vitórias e sucessos, suas dinastias e descendentes para a posteridade. Mas, é restrita a memória das lutas de resistência, das revoltas e das revoluções dos setores populares, das ações de resistência das classes trabalhadoras.

Em nosso tempo, com a história oral, participamos de uma tomada de posse de todas as memórias e dos relatos históricos que com elas se constroem, por aqueles longamente excluídos de sua própria história. Os trabalhadores, as mulheres, os negros, os índios, os idosos tomam a palavra e se fazem ouvir no mundo silenciado pelos poderosos. Por que lutar, por que preservar a memória das lutas, são perguntas que adquirem um novo significado neste processo, o de passar às gerações futuras, aos mais jovens, o legado da esperança das conquistas de vida longamente ansiadas. Se a palavra não basta para transformar as estruturas sociais, ela alimenta o conhecimento e instaura verdades possíveis. A história oral teve larga difusão entre os

movimentos sociais, nas classes populares onde a escrita é escassa, entre analfabetos, rebeldes, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos etc., constituindo-se na vertente da história dos setores chamados excluídos. Mas, não apenas eles, também a preservação da memória tem se beneficiado dos procedimentos de história oral. O que tem trazido tensões são as formas de trabalhos acadêmicos e não acadêmicos que podem diferir muito na construção do conhecimento (Ferreira e Amado, 2006).

Discorrendo sobre a história oral contemporânea, Jorge Aceves Lozano (1993) sinaliza “a revalorização da metodologia qualitativa nas ciências sociais e a renovação da ciência histórica” (1993: 13), como também, “o desenvolvimento de um certo capital científico-tecnológico que estabeleceu, desigualmente, as condições para a produção de um tipo de conhecimentos com recursos instrumentais, financeiros e humanos especializados” (1993: 13). Marieta de Moraes Ferreira (1996) faz uma detalhada análise sobre a introdução da história oral no Brasil, a recepção pelos historiadores, as ressitências para seu reconhecimento, o suporte acadêmico dado por algumas instituições. Teoricamente, a história baseada nas estruturas

ao desvalorizar o papel do indivíduo, das conjunturas, dos aspectos culturais e políticos, também desqualificava o uso dos relatos pessoais, das histórias de vida e das biografias (1996: 14-16).

Tendência que foi revertida a partir da década de 1990, com transformações importantes na pesquisa histórica, tais como a análise qualitativa, a importância das experiências individuais, as situações vividas. A história cultural, os estudos políticos, a história contemporânea e do tempo presente.

3. Fotografias na imprensa operária do início do século XX

O acervo de jornais operários existente no ASMOB é muito grande, como indicamos ao apresentar o acervo. Nesta oportunidade, trataremos

brevemente de alguns poucos jornais. Quanto à existência de fotos em suas páginas, apenas considerando o primeiro catálogo, localizamos e identificamos 825 fotografias⁹.

Observamos que elas são escassas, quase inexistentes nos jornais publicados nas primeiras décadas: *Guerra Social* (1911), *A Voz do Trabalhador* (1913), *O Barbeiro* (1916), *O Cosmopolita* (1917-1918), *Liberdade* (1918), *Boletim da Escola Moderna* (1918), *O Germinal* (1919), *Spartacus* (1919), *Alba Rossa* (1919) *A Obra* (1920), *A Vanguarda* (1921), *O Panificador* (1921-1922), *Voz Cosmopolita* (1922-1926), *O Trabalhador Gráfico* (1926), *O Internacional* (1922-1928).

No conjunto de jornais citados acima, encontramos 82 fotografias. E, apenas, no jornal *A Nação* (1927), localizamos um conjunto de 743 fotos. Atribuímos tão grande diferença entre o conjunto de pequenos jornais e o último jornal às possibilidades de acesso e reprodução das fotos, mas também às características da própria coleção de documentos. Primeiro, os jornais evidenciam descontinuidade nos números. A coleção de jornais preservada, principalmente, até onde sabemos, por um colecionador, Astrojildo Pereira, como coleção pessoal, pode não conter todos os números publicados. Segundo, o Arquivo passou por diversas situações de guarda e pode não estar completo (deterioração, extravio, etc.). Terceiro, quanto à escassa presença de fotos, eram jornais populares, feitos com poucos recursos, em uma época em que a fotografia era ainda uma tecnologia relativamente cara e sua apropriação restrita.

Os jornais operários da época, as primeiras décadas do século XX, são fortemente compostos por textos. Segundo Giglio (2000), cabia-lhes

a tarefa de educar o homem novo, livre dos preconceitos plantados pela religião, (...) – mantidas com a ignorância e ausência de contato com os saberes das ciências, livres de sentimentos patrióticos que servem apenas para alimentar o fratricídio entre os povos em favor dos interesses particulares de uns poucos (Giglio, 2000: 61).

O periódico anarquista, *A Guerra Social*, buscava divulgar as transformações políticas, econômicas e

sociais internas e externas. Desta forma, destacam as revoluções que ocorreram na Europa, a exemplo das transformações da classe operária após a Revolução Industrial, com a Revolução, de 1917, na Rússia, e no movimento operário vitorioso com a Revolução Mexicana, de 1910. Estas matérias buscam exemplificar os movimentos dos trabalhadores, divulgando práticas de organização e resistência, e dando destaque a dimensão política e educativa dos mesmos.

Não podemos deixar de mencionar também que, naquele início de século, eram poucos os leitores no Brasil. Segundo dados levantados por Giglio (2000), no estado de São Paulo, por exemplo, apenas 39,57% eram leitores. Já, entre os imigrantes chegados ao país no período, 46,23% de estrangeiros eram leitores. A autora ressalta também que “impressos como o jornal mantinham uma relação sistemática com os acontecimentos que demarcaram o modo de vida de certas comunidades de leitores” (Giglio, 2000: 53).

As notícias divulgadas através das matérias e seções distribuídas nas páginas do jornal são recorrentes durante os dois anos de edição e buscam uma vinculação dos operários entre si. Aparecem notícias de várias categorias profissionais nos diversos estados do Brasil e em algumas de suas cidades, a exemplo de São Paulo, Porto Alegre, Niterói, Fortaleza. As categorias profissionais são: pedreiros, alfaiates, marceneiros, padeiros, tecelões, agricultores, trapeiros, engraxates, carroceiros, caixeiros e outros.

Os textos dos jornais operários, ainda segundo Giglio (2000), caracterizam-se por um discurso doutrinário, e “*A Guerra Social*” não foge a esta regra. Vimos, por exemplo, que os artigos são divididos em capítulos, ao longo das várias edições, visando o reconhecimento e a aceitação de certas “verdades”, como mostram, entre outras, as seguintes matérias: “*A Organização Operária*” (manifestações), “*A Carestia das Casas*” (classes Sociais), “*Quem é Deus*” (religião).

Giglio (2000) chama a atenção para o fato de que “o impresso e sua circulação inauguram a possibilidade de ações coletivas de resistência”, a exemplo da “construção de uma representação do operariado enquanto força coletiva, capaz

de abater o avanço da exploração do capital". Ela analisa, também, o jornal *A Voz do Trabalhador*, editado no Rio de Janeiro, entre 1908 e 1915, como órgão da Confederação Operária Brasileira.

O programa da Confederação Operária Brasileira durante o período de existência do jornal é o de alcançar, através da organização dos operários em sindicatos, a revolução social (Giglio, 2000: 61).

Uma das finalidades principais desta Confederação era propagar os meios para a emancipação do proletariado, defendendo em público as reivindicações econômicas dos trabalhadores, utilizando-se para isso de todos os meios de propaganda conhecidos, sendo os jornais os principais.

O Primeiro Congresso Brasileiro, realizado em 1906, fez confrontar duas ideologias presentes entre o operariado: os sindicalistas revolucionários que eram os anarquistas e os socialistas.

Os primeiros anarquistas entendiam que a revolução social não é uma simples revolução política, uma questão de tomada do poder para mudar-lhe a forma ou decretar, de cima, reformas salvadoras; não queriam emancipar o povo, queriam que ele se emancipasse (Giglio, 2000: 61).

Até onde conseguimos investigar a presença e o sentido das fotografias, sua distribuição nas páginas é aleatória, salvo alguns indícios analisados: no primeiro grupo de jornais, encontra-se a reprodução de rostos de políticos, de trabalhadores, de artistas do cinema e teatro, alguns casos trágicos de morte por acidente. É o que Ferreira (1978) chama de fotografia na imprensa, o jornal *A Nação* (1927) tem algumas características diferentes dos demais. As fotos são abundantes, embora seja uma publicação do mesmo período. O jornal evidencia mais recursos materiais e gráficos no noticiário e na abundância das fotografias.

O jornal teria sido doado ao Partido Comunista. No exame de *A Nação*, além do discurso doutrinário e opositor ao regime político do país sob a burguesia capitalista, que caracteriza esse tipo de publicações, notamos um esforço do jornal em apresentar-

se como opção de leitura diária e difusor de informações não só para os trabalhadores, mas também para elementos da classe média da época: profissionais liberais e intelectuais, setores médios do oficialato das forças armadas.

Na análise do jornal *A Nação*, o uso da fotografia e a organização dos seus espaços, remetem-nos ao debate em torno do seu papel educativo junto aos trabalhadores. Seu discurso doutrinário (que permitia entre outras coisas, reproduções integrais de pronunciamentos e textos densos publicados em série) era difusor de novos valores e práticas de atuação e de novas estratégias de leitura, na tentativa de alcançar os trabalhadores analfabetos. *A Nação* apresentava em suas páginas análises da realidade diferenciadas do padrão hegemônico da grande imprensa da época. Textos e fotografias compartilhavam desta tarefa, articulando sentimentos, interesses, projetando caminhos e horizontes, alimentando o imaginário e as ações concretas.

São frequentes as fotos de primeiro plano de nomes importantes do PCB e do exterior, grupos de trabalhadores de associações e assembleias profissionais, denúncias das condições perversas de vida e de trabalho, fotos de trabalhadores considerados "agitadores" pelas autoridades, outros desterrados para a região amazônica (aqueles que se envolviam em greves para reivindicação de direitos e melhores salários). Algumas fotografias revelam a captação de cenas vivas, dos trabalhadores em ações reivindicativas, na porta de fábricas. Ferreira considera que, nesta reprodução fotográfica, diferente das imagens padrão, estáticas, há a passagem da fotografia na imprensa, para a foto reportagem (Ferreira, 1978).

Como os grandes jornais, a primeira página é dedicada às matérias sobre a conjuntura política da época e para denúncia das péssimas condições de vida dos trabalhadores. São matérias que têm continuação, se necessário, nas páginas seguintes.

Destacamos algumas seções do jornal: a seção "Ecos" trazia, além dos comentários sobre outros jornais e demais publicações, pequenas notícias que tinham repercussão no cenário político nacional e algumas crônicas assinadas, outras anônimas ou da editoria do jornal. Na seção

“Hoje”, uma série de “informações úteis” para o leitor naquele dia, desde horários dos trens e a agenda de conferências, passando por indicações de leitura (livro do dia), até o cardápio de alguns restaurantes na cidade (prato do dia). A seção/encarte “Última Hora” parece não ter um padrão definido, mas notamos que as notícias do cotidiano sobre mortes, acidentes, assaltos (normalmente em pequenas notas) aparecem com regularidade. Pela diversidade de temas e a (des)organização dos espaços, entendemos que seria uma página reservada às notícias que chegavam à redação depois da edição fechada, e não encontram lugar nos espaços específicos.

O uso das fotografias no *A Nação* parece-nos instável, transitando em um tênue limite entre a fotografia de imprensa e o fotojornalismo, ou

da simples transposição das imagens fotográficas para as páginas dos periódicos, para um tipo de fotografia específico, adaptada às demandas da imprensa ilustrada (Costa, 1993: 75).

Em determinados momentos, as fotografias eram simplesmente ilustrativas e redundantes às informações escritas nas matérias e, em outros casos, era a própria foto que articulava e passava um ponto de vista próprio dos acontecimentos relatados. Neste universo, a fotografia aparece com uma diversidade de usos: para chamar a atenção do leitor para a relevância de determinado assunto; para identificar/personalizar as principais figuras da burguesia e seus prepostos, figuras expoentes do proletariado militante nacional e internacional, personalidades do meio artístico e intelectual. Aparecem, também, para retratar um determinado aspecto da realidade e/ou de um evento.

A fotografia surge como poderoso instrumento de afirmação/articulação do discurso doutrinário do jornal, assumindo o caráter de denúncia da dura realidade dos trabalhadores e de suas famílias, conclamando a classe trabalhadora para a necessidade da sua organização, seja nos espaços do movimento sindical, seja no seu partido, o PCB.

Apresentamos, abaixo, algumas fotografias, como exemplos paradigmáticos destes variados usos. Além da identificação básica (local, data, autor),

acrescentamos legendas de contexto em um processo de intertextualidade (Maud, 1990), ou seja, da leitura das imagens em relação com outras fontes documentais, para permitir o conhecimento dos aspectos não visíveis, mas inerentes à totalidade social que dá o significado das fotografias.



Imagem 1.
Arquivo Edgar Leuenroth (AEL) / UNICAMP, autor desconhecido, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 01-10-1913. “O Segundo Congresso Operário Brasileiro”.

O I Congresso da Confederação Operária Brasileira (COB) realizou-se no “Centro Galego”, na Rua da Constituição, 30/32, no Rio de Janeiro; prolongou-se do dia 15 a 20 de abril de 1906, e encerrou-se ao som da “Internacional” (Edgar Rodrigues, 1979). A COB somente seria estruturada em 1908 e funcionaria até 1909, voltando a atuar mais tarde, entre 1913 e 1915.

Em termos práticos, a COB contou apenas com a estrutura da Federação do Rio de Janeiro, sem ter uma efetiva organização própria, nem tampouco uma dimensão nacional (Batalha, 2000).

Neste interregno, do 1º ao 2º congresso, muita coisa aconteceu. Cresceu a indústria, o número de operários nas cidades aumentou consideravelmente, nasciam novas entidades operárias, as greves eram mais intensas, mais orientadas e os seus participantes mais ativos, conscientes, doutrinados, mais cultos, independentes e capazes de um diálogo inteligente e franco com o industrial - também mais ganancioso, mais explorador, mais intolerante, apavorado

com os conhecimentos de seus empregados. O governo, dando cobertura a os industriais, ordena novas medidas de repressão (...)" (Rodrigues, 1979).

Comparae!..



Imagem 2.

ASMOB/NEDDATE, A Nação, 15-02-1927. "Comparae !... Onde se refestela Epitacio Pessoa".

"Onde o proletariado curte a sua miséria".

"Rua da aristocracia feudal. Voluntarios da Patria n.º 25. Palacete elegante. Cada metro do terreno: 2, 3 contos de réis. Portão de ferro. O chique-chique nostalgico dos sertões da Parahyba. O jardim risonho. (...) Não há questão social no Brasil, diz Epitácio Pessoa [Presidente]. A questão social é uma questão policial, diz Washington Café. Mas, vede a fotografia acima. O casebre fica à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas. Linda e azulada a lagoa. Negro e feio, o casebre. As mulheres descalças. Pobres mulheres trabalhadoras" (A Nação, 15/02/1927).

A foto é expressiva do Jornal A Nação que foi um "diário fundado na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 12 de julho de 1923, por Leônidas de Resende e Maurício Paiva de Lacerda. Circulou entre 1923 e 1924 como um jornal de oposição ao governo, e no ano de 1927, como órgão do PCB. Por ser um jornal de oposição, A Nação foi fechada assim que o então Presidente da República Artur Bernardes decretou estado de sítio, em 14 de julho de 1924". Sua publicação foi retomada 1927, após um acordo com o PCB. A segunda fase do jornal se inicia em 05 de janeiro de 1927. (...) A Nação trazia seções sobre o movimento sindical, política na capital federal, no país e no mundo, notícias nacionais e internacionais, esportes e lazer, e possuía três redatores principais: Otávio Brandão, Paulo de Lacerda e Astrojildo Pereira. (...) O jornal teve papel importante na organização de trabalhadores e sindicatos, como órgão orientador e de propaganda na campanha do Bloco Operário

(...)" Antes de ser fechado pela Lei Celerada de Washington Luiz, encerrou sua circulação em 11 de agosto de 1927.

A serviço do capitalismo estrangeiro

O GOVERNO EXPULSA TRABALHADORES DO TERRITÓRIO NACIONAL



Imagem 3.

ASMOB/NEDDATE-UFF, autor desconhecido, A Nação, Rio de Janeiro, 07-06-1927, "A serviço do capitalismo estrangeiro. O governo expulsa trabalhadores do território nacional. Os operários expulsos pelo governo à saída da gibola anglo-americana".

Os trabalhadores que se envolviam com greves e mobilizações contra as condições de trabalho eram chamados "agitadores", na época. Sofriam vários tipos de represália, como serem demitidos, serem incluídos nas "listas negras" das fábricas e não arranjam empregos em outras fábricas, serem presos, serem "desterrados" para a Amazônia ou, se estrangeiros, serem expulsos do país.

Noticia um telegrama do Rio de Janeiro que pelo vapor 'Demerara', a partir amanhã para a Europa, seguem onze operários, que a polícia processou como anarquistas. São mais onze vítimas da fúria antiproletária da corja governante, mas serão também outros tantos divulgadores no estrangeiro do que aqui se passa.

A polícia do Rio de Janeiro prossegue na sua faina de perseguir os trabalhadores que não se submetem passivamente à exploração desenfreada do capitalismo. Muitos são os militantes das associações operárias que se encontram presos sem culpa formada (...) (A Vanguarda, São Paulo, 05-03-1921 e 13-03-1921).

A assembléa de hontem da Alliança dos Trabalhadores em Marcenarias



Imagem 4. ASMOB/NEDDATE-UFF, autor desconhecido, *A Nação*, Rio de Janeiro, 03-01-1927. "A assembléa de hontem da Alliança dos Trabalhadores em Marcenaria".

"Organizemos nossos sindicatos de resistência, isto é, associemos nossas forças individuais, sem nos preocuparmos com nacionalidade ou cores e fundemos nossas associações de classe, com o fim de darmos combate ao capitalismo, exigindo aos nossos exploradores todas as melhorias de condições de vida desde que tenhamos força para exigir, até que um dia possamos transformar em terra mãe, livre e comum, toda a superfície do planeta Terra" (do Projeto da Conferença Operária, 1914, ver Edgar Rodrigues, 1979).

Não obstante a repressão, os trabalhadores organizavam-se. As primeiras organizações de classe foram as Sociedades de Socorro Mútuo e Uniões operárias, que tinham um caráter assistencialista e deram origem aos sindicatos. Tinham por objetivo ajudar os associados no caso de doenças, invalidez, desemprego, pensões para as viúvas, etc. (Imagem 5).

A história do operário industrial no Brasil está escrita nas páginas dessa imprensa [operária], desde o final do século passado até o primeiro quartel do século atual. O seu valor como documento vivo deste período é incontestável porque é sobretudo informativo, e foi resultado de uma participação efetiva individual e do coletivo no processo histórico (Ferreira, 1978).

A foto sobre a ida do jornal à porta da fábrica representaria a passagem da fotografia na imprensa para a foto reportagem ou o fotojornalismo.



Imagem 5.

"Grande foi a satisfação que causou no espírito do operariado do Cotonifício Gávea a publicação dos absurdos praticados pelos nossos patrões nos serões obrigatórios (...). Pobres, coitadinhas criaturas que são obrigadas a trabalhar das 7 às 21 horas sem ter direito a falhar um só dia!".

(*A Nação*, Rio de Janeiro, 07/03/1927).

4. Considerações finais

A utilização de jornais e de como fontes históricas tem sido objeto de discussão entre os cientistas sociais. Como outras fontes documentais, eles devem ser submetidos à crítica e ao cruzamento de informações com outros documentos. Mas, a interpretação de fontes para a afirmação científica dos fatos é, necessariamente, produto da objetividade dos mesmos e da subjetividade do pesquisador que as traduz segundo seu entendimento, sua concepção de mundo e da sociedade onde vive sua percepção dos fatos e sua ideologia.

Com estes pressupostos iniciais, procedemos ao levantamento dos jornais da imprensa operária no extenso e valioso arquivo dos primórdios do movimento operário no Brasil, que é o ASMOB. Quanto ao uso da fotografia, objeto especial deste trabalho, utilizamos os mesmos procedimentos de trabalhos anteriores com essa fonte, tratando-os como mediações históricas, isto é, processos sociais complexos que, sob a ação dos fotógrafos, recortam os aspectos da realidade a serem mostrados (Ciavata, 2001). À qualidade da informação proveniente deste primeiro sujeito que atua em sua produção, acrescentam-se aqueles que a demandaram, os que a preservaram e os que a utilizaram com determinadas finalidades.

Na história oral, através dos depoimentos públicos de Dora Henrique da Costa, Marly Vianna e Zuleide Faria de Melo, juntamente com outros companheiros, ficamos conhecendo as ações de grande risco que salvaram o Arquivo Astrojildo Pereira, hoje, ASMOB, das garras da Ditadura, nos anos 1970. Pela extensa e ricadocumentação existente no Arquivo, foi possível reconhecer a importância dos jornais operários para a memória e a história dos trabalhadores no Brasil. Observou-se a reiteração nos jornais, das poucas fotografias disponíveis nas redações de muitos desses jornais, ao lado da presença abundante e diferenciada da fotografia em um jornal de posse de um coletivo forte, com recursos e com militância, como é o caso de *A Nação*, jornal do PCB. Reconhecemos também, durante todo processo de aproximação com os jornais e com a história das três mulheres, suas ações de jovens militantes políticas, sua grande coragem e resistência ao autoritarismo da Ditadura no salvamento do ASMOB. Preservaram, para a posteridade, fontes originais para a pesquisa social. Destaque-se ainda a importância fundamental dessa documentação (jornais, cartas, panfletos, fotografias etc.) para a história do trabalho, da educação e das lutas dos trabalhadores no início do século passado no país. Elas contribuem para a compreensão da realidade do presente onde prosseguem as lutas pela regulamentação do trabalho, ainda com grandes desafios postos pelas políticas neoliberais de restrição ao valor do trabalho e às condições de vida dos trabalhadores.

NOTAS

¹ Este artigo é parte do Projeto “Historiografia em Trabalho e Educação e Pensamento Crítico – Como se escreve a história da Educação Profissional”, sob a Coordenação da autora (Bolsa de Produtividade do CNPq, 2013-2018).

² O Catálogo do CEDEM (Guia, 1996: 31-32) registra que o primeiro acervo recolhido foi o de Roberto Morena, militante sindical desde 1917. Com a retirada do Brasil, do Arquivo de Astrojildo Pereira, constituiu-se o ASMOB que também incorporou doações de Luiz Carlos Prestes, Oscar Niemeyer, Jorge Amado e de outros militantes políticos exilados.

³ O segundo catálogo, contém 37 conjuntos de publicações agrupados em até 20 diferentes publicações brasileiras (dos diversos estados do Brasil), latino-americanas (Argentina, Uruguai) e europeias (Portugal e Espanha). Além dos jornais, contém conjuntos de panfletos e grande número de publicações de exilados, depois do Golpe em 1964, nos anos 1970 e início de 1980 (no México, Chile, Peru, Costa Rica, França, Itália, Suécia, Holanda, Alemanha, Inglaterra, Suíça, Portugal, Bélgica), e de movimentos de mulheres do Brasil e do exterior.

⁴ Estas reflexões têm por base Ciavatta (2002; 2015 c).

⁵ Para Eagleton (1997: 29-32), o descrédito teórico da ideia de totalidade é esperado em uma época de derrota política da esquerda, como a que se viveu a partir dos anos 1990, após a *débacle* do comunismo. Neste sentido, a negativa da totalidade pode ser mais uma posição estratégica de natureza política do que uma elaboração teórica, e está ligada à perda do sentido da atividade política.

⁶ Como coordenadora, iniciamos as atividades com três questões: Gostariamos que relatasse um pouco de sua história de vida, de sua formação e relação com o PCB. O que é o Arquivo Astrojildo Pereira? Conte-nos como essa documentação foi salva da Ditadura.

⁷ O livro reproduz literalmente a narrativa de cada uma das três participantes, suas histórias de vida e contato com a militância partidária, as ações audaciosas de preservação de pessoas e do Arquivo procurados pela polícia, o transporte clandestino de São Paulo para o Rio de Janeiro, sua guarda em um subúrbio carioca e o envio como objetos pessoais em mudança para Milão, Itália. O texto completo dos depoimentos consta de Ciavatta (2015a).

⁸ Esta reflexão consta, originalmente, de Ciavatta (2015 c).

⁹ Nesta seção, agradecemos o trabalho de levantamento das fotos, em microfílm e algumas análises preliminares aos Bolsistas de Iniciação Científica e de Apoio Técnico (CNPq e FAPERJ), na época: Hugo Belluco, Maria Lígia Rosa Carvalho,, Luciano Vasconcelos dos Santos, Paulo Castiglioni, Reginaldo Mendes Leite, Ana Paula Cardoso Guiglianelly, Sara Celeste Boechat Cordeiro e Sandra Maria Nascimento de Morais.

REFERRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, M. (2000). *Os donos do Rio*. Imprensa, poder e público. Rio de Janeiro: Vício de Leitura.
- BATALHA, C. (2000). *O movimento operário na Primeira República*. Rio e Janeiro: Zahar.
- BERTUSSI, G. T. (2005). *Anuario educativo mexicano*. Visión retrospectiva. México: Universidad Pedagógica Nacional/Miguel Porrúa
- BRAUDEL, F. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.
- BREVE história da imprensa sindical no Brasil. (2005). *Cadernos da Comunicação*, Prefeitura da Cidade/SECS, Rio de Janeiro.
- CHESNAUX, J. (2000). *¿Hacemos tabla rasa del pasado? A propósito de la historia e de los historiadores*. México: Siglo Veinteuno. 15ª ed.
- CIAVATTA, M. (org.). (2015a.). *Luta e Memória. A preservação da memória histórica do Brasil e o resgate de pessoas e de documentos das garras da Ditadura*. Rio de Janeiro: Revan.
- CIAVATTA, M. (2001). O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. Em: CIAVATTA, M.; FRIGOTTO, G. (2001). *Teoria e educação no labirinto do capital*. Petrópolis: Vozes.
- CIAVATTA, M. (2002). *O mundo do trabalho em imagens – A fotografia como fonte histórica (1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A / FAPERJ.
- CIAVATTA, M. (2015b). A memória fotográfica preservada pelos trabalhadores em jornais operários. Ensaio fotográfico. Em: CIAVATTA, M. (org.). *Luta e Memória. A preservação da memória histórica do Brasil e o resgate de pessoas e de documentos das garras da Ditadura*. Rio de Janeiro: Revan. pp. 230-245.
- COSTA, H. (1993). Da fotografia de imprensa ao fotojornalismo. *Acervo, Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: vol. 6, n.º 1-2, jan/dez. pp. 75-86.
- EAGLETON, T. (1997). *Ideologia*. São Paulo: Boitempo.
- ESSUS, Ana Maria M. (1990). *Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro.
- FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (2006). *Apresentação. Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV. 8ª ed.
- FERREIRA, M. M. (1996). História oral e tempo presente. Em: MEIHY, J. C. S. B. (Re)introduzindo a *História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã. pp. 11-21.
- FERREIRA, M. N. (1978). *A imprensa operária no Brasil. 1880-1920*. Petrópolis: Vozes.
- GIGLIO, C. M. B. (2000). *Impressos Operários, Leitores e Práticas de Resistência. Contemporaneidade e educação: Revista semestral de ciências sociais e educação*, ICEC. Ano V (07), 1º sem.
- GOMES, R. S. (2008). *Relações entre linguagens no jornal: fotografia e narrativa verbal*. Niterói: EdUFF.
- GUIA. (1996). CEDEM. *Centro de Documentação e Memória*. São Paulo: CEDEM/UNESP.
- HARAZIM, Dorrit (2016). *O instante certo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HISTORICAL Archives of the Brazilian Workers Movemnt (1982). *Microfilm catalogue 82*. Milano: Giangiacomo Feltrinelli, Foundation.
- HISTORICAL Archives of the Brazilian Workers Movemnt (1983). *Microfilm catalogue 82*. Milano: Giangiacomo Feltrinelli, Foundation.
- LE GOFF, J. (1992). *História e memória*. Campinas: UNICAMP.
- LOZANO, J. (comp.). A. *História Oral. Nuevos enfoques em ciências sociais*. México, DF: Instituto Mora. pp. 195-218.
- LOZANO, J. A. (1993). Introducción. Em: LOZANO, J. (comp.). A. *História Oral. Nuevos enfoques em ciências sociais*. México, DF: Instituto Mora. pp. 7-26.
- MARX, K. (1977). *Contribuição à crítica à Economia Política*. Lisboa: Editorial Stampa.
- MARX, K.; ENGELS, F. (1979). *A ideologia alemã*. (Teses a Feuerbach). São Paulo: Ciências Humanas.
- PINHEIRO, P. S. (1978). Prefácio. Em: FERREIRA, M. N. A *imprensa operária no Brasil. 1880-1920*. Petrópolis: Vozes.
- POLLAK, M. (1989). Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, vol. 3 (3).
- PORTELLI, A. (1993). "El tiempo de mi vida": las funciones del tempo en la historia oral. Em: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ CPDOC-FGV. pp. 67-72.
- RODRIGUES, E. (1979). *Alvorada operária*. Rio de Janeiro: Mercado Livre.
- RUSEN, J. (2009). Como dar sentido ao passado: questões relevantes da meta-história. *História da Historiografia*, (2). pp. 164-209.
- SOUSA, J. P. (2000). *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Florianópolis: Grifos / Chapecó: Letras Contemporâneas.
- VILAR, P. (1987). Marx e a história. Em: HOBBSBAWN, E. J. *História do marxismo*. I. O marxismo no tempo de Marx. Rio de Janeiro: Paz e Terra.